

Ministério de Minas e Energia

Assessoria de Comunicação Social - ASCOM

Sumário

VEÍCULO: O Globo.....	2
Título: Pressão total nas bombas	2
Título: No Estado do Rio, 51% do preço do litro da gasolina são impostos.....	4
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	6
Título: Gasolina pode ter maior alta em 13 anos.....	6
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo.....	8
Título: Não à volta do protecionismo ao etanol	8
Título: Destravando o petróleo	10
Título: Mudança de meta e mais impostos.....	11
Título: Gasolina sobe até 14,4% para o consumidor.....	13
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	14
Título: Postos abusam e gasolina sobe até R\$ 1	14
Título: Reflexo na cadeia de abastecimento	16

VEÍCULO: O Globo**Seção: Economia****Autor: Bruno Dutra e Marcela Sorosini****Título: Pressão total nas bombas**

Postos do Rio correm para reajustar preços. Gasolina sobe até 9% e chega a R\$ 4,44 na Gávea.

Com vendas em queda este ano, na esteira da crise econômica, distribuidoras e postos de combustíveis foram rápidos no gatilho, ontem, no repasse para o consumidor final do aumento do PIS/Cofins que incide sobre a gasolina, o álcool e o diesel. Ao fim da manhã da sexta-feira, dia no qual a nova tributação passou a vigorar, o litro da gasolina chegava a custar R\$ 4,44 em um posto da Gávea, Zona Sul do Rio, um aumento de 7,25% sobre os R\$ 4,14 cobrados na véspera. Após percorrer 12 postos, a reportagem do GLOBO apurou na Tijuca, Zona Norte, o maior reajuste nas bombas: 9,12%. No posto tijucano, a gasolina, que custava R\$ 3,84 o litro, passou a valer R\$ 4,19. E o etanol, que custava R\$ 3,09 o litro, era vendido aos motoristas por R\$ 3,34.

Do total de postos visitados, oito reajustaram os preços ontem mesmo. O movimento repetiu-se Brasil afora. De acordo com levantamento do site G1, na Bahia, o preço do litro da gasolina chegava a R\$ 4,32. No Ceará, o aumento médio foi de R\$ 0,39, e no Espírito Santo, o litro, que custava R\$ 3,49, passou para R\$ 3,99. Em Minas e no Paraná, o aumento médio do litro da gasolina foi de R\$ 0,40, passando a custar R\$ 3,69 e R\$ 3,79, respectivamente. Em São Paulo, muitos postos também reajustaram o preço da gasolina, com aumentos que variavam entre R\$ 0,40 e R\$ 0,45 por litro.

CONSUMO ESTÁ EM QUEDA

De acordo com a Agência Nacional do Petróleo (ANP), antes do aumento, o preço médio do litro da gasolina no Rio era de R\$ 3,846. Com os reajustes captados pelo GLOBO, a média dos 12 postos ficou em R\$ 4,11. Aplicados esses valores, o dono de um Ford Ka deve desembolsar quase R\$ 14 a mais para encher o tanque, diferença que chega a R\$ 21 para o dono de uma Toyota SW4. O governo elevou o PIS/Cofins sobre os combustíveis no esforço de levantar R\$ 10,4 bilhões e cumprir a meta fiscal de 2017. No caso da gasolina, a tributação mais que dobrou, passando de R\$ 0,3816 para R\$ 0,7925 por litro. A alíquota do diesel passou de R\$ 0,2480 para R\$ 0,4615. Para o etanol, a elevação foi diferenciada para produtores e distribuidores. A decisão sobre o repasse ao consumidor final é de cada posto, visto que a incidência do imposto acontece na compra do combustível das distribuidoras.

Os consumidores se surpreenderam com a rapidez com que os postos repassaram o aumento. O funcionário público Nuno Maranhão, de 43 anos, sabia do aumento, mas não esperava encontrar a gasolina já com preço maior: — Saí de casa pensando em abastecer ainda com os preços antigos. Mas, ao chegar ao posto, vi que o aumento já tinha chegado às bombas. O jeito vai ser deixar o carro mais vezes na garagem. O presidente da Federação Nacional do Comércio de Combustíveis e de Lubrificantes (Fecombustíveis), Paulo Miranda Soares, explicou que os empresários não tinham como segurar os preços, devido à rapidez das distribuidoras: — Os postos que receberam combustível na madrugada de sexta já receberam com o preço mais alto, logo, repassaram o aumento imediatamente. Os varejistas que ainda não repassaram a alta afirmam que, no início da semana que vem, com a reposição dos estoques, os preços subirão.

— Estamos com encomenda para a próxima segunda-feira e, como já pagaremos mais caro pela gasolina e o etanol, é impossível não repassar o custo para o consumidor, visto que o aumento, dessa vez, foi maior do que o esperado — afirma Eric Raposo, gerente-geral de um posto em Copacabana, na Zona Sul do Rio. O aumento do PIS/Cofins também oferece a chance de recomposição de margens para os setor. Segundo dados da ANP, a venda de gasolina no Estado do Rio, entre janeiro e maio deste ano, apresentou uma queda de 3,65% em relação ao mesmo período de 2016. No Brasil, houve avanço de 6,45%. O diesel também apresentou queda: no Rio, de 12,39%, bem maior que a redução de 2,02% no país. A venda de etanol caiu 21,24% no Rio e registrou tombo de 19,67% no Brasil.

— Com a inauguração da Linha 4 do Metrô, que liga a Barra da Tijuca ao Centro, perdemos muitos clientes que faziam esse trajeto de carro ou moto. Isso fez com que as vendas caíssem e começássemos a trabalhar com um estoque menor de combustível. Por isso, quando há aumento, o repasse é imediato, porque compramos combustível com uma frequência muito maior — explica Eric Raposo. Porém, Maria Aparecida Siuffo Pereira Schneider, presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Combustíveis do Município do Rio (Sindcomb), acredita que a oportunidade é ilusória: — É inacreditável que o governo jogue nas costas do setor e do consumidor um aumento desses, com a situação de crise que o país enfrenta. No Estado do Rio, o consumidor vai acabar pagando o combustível a preço de ouro.

CUSTO DO FRETE PREOCUPA

Além do aperto no bolso, o consumidor pode sofrer outra garfada. A elevação do imposto sobre o diesel pode impactar futuramente as tarifas do transporte público e do frete de mercadorias, num país em que as rodovias são os principais meios de escoamento da produção. — O aumento de impostos sobre o diesel terá impacto de 2,5% sobre os custos do transporte rodoviário de cargas, com

reflexos imediatos no preço do frete e, consequentemente, no custo dos alimentos e de todos os produtos — explica Clésio Andrade, presidente da Confederação Nacional do Transporte (CNT).

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: Ramona Ordoñez e Chico Prado

Título: No Estado do Rio, 51% do preço do litro da gasolina são impostos

Percentual é de 38,2% no etanol. ICMS pode levar a novo aumento

Com o aumento das alíquotas do PIS/Cofins nos combustíveis, anunciado pelo governo na última quinta-feira, mais da metade do valor pago pelo litro da gasolina no Estado do Rio correspondem a impostos. Segundo cálculos feitos a pedido do GLOBO por um especialista da área de distribuição de combustíveis, somados os 15,9% dos impostos federais (PIS, Cofins e Cide) com os 35,1% de ICMS, a carga de impostos totais nos preços da gasolina chega a 51%. Antes do aumento anunciado pelo governo, o total da carga tributária na gasolina no Estado do Rio era de 45,2%. O estado tem o ICMS mais alto do país. Já no óleo diesel, do preço total a ser pago pelos consumidores, 31% são impostos, sendo 16,4% de ICMS e 14,6% dos tributos federais. Antes, a carga tributária no diesel era de 25,7%.

De acordo com as contas do especialista, o peso dos impostos no etanol hidratado passou de 32,6% para 38,2%. A carga de PIS/Cofins no etanol hidratado aumentou de 3,9% para 9,8%. O ICMS sobre o etanol é de 28,3%. Por sua vez, segundo cálculos feitos pelo Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), considerando a média do país, o peso dos impostos no valor pago pelo litro da gasolina é da ordem de 47%. Isto porque a carga total de impostos federais (PIS, Cofins e Cide) passou a representar cerca de 16% do preço total pago pelos consumidores, contra os 11% anteriores. A essa carga de imposto federal se soma o ICMS médio de 31%. Na média nacional, também, a carga de impostos no diesel fica em 31%, considerando 17% de ICMS e 14% dos impostos federais.

PROTESTO NA FIESP

Especialistas alertam, no entanto, que, a partir do início do próximo mês, os preços dos combustíveis para os consumidores poderão ter mais um aumento, por conta dos novos valores que vão balizar os cálculos do ICMS pelo estado. É que, para a cobrança do ICMS, nos dias 1º e 15 de cada mês, é feita uma pesquisa de preços que serve de base para calcular o imposto. Luiz Henrique Sanches, consultor da área de combustíveis, avalia que o preço da gasolina poderá aumentar em 4%; o do diesel, em 1%; enquanto o do etanol pode ficar

aproximadamente 2% maior: — A cobrança de ICMS é feita em cima de uma tabela abastecida pelas pesquisas de preços praticados, na média, pelos postos de combustíveis de cada estado. Assim, tão logo sejam captadas, serão repassadas, e ainda teremos um aumento residual, em média, de R\$ 0,14 por litro na gasolina, de R\$ 0,05 por litro do etanol hidratado e de R\$ 0,02 por litro do diesel.

Depois de se pronunciar publicamente contra o aumento das alíquotas de PIS/Cofins para combustíveis, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) voltou a colocar, ontem, em frente à sua sede, localizada na Avenida Paulista, o pato inflável que foi o símbolo de uma campanha contra alta de impostos lançada no fim de 2015. O pato inflável amanheceu em frente ao prédio da Fiesp, ao lado de um letreiro luminoso com frases como “O que é isso ministro? Mais imposto?”, título da nota divulgada ontem pela entidade, criticando a elevação do PIS/Cofins sobre os combustíveis. A Fiesp também publicou anúncios de página inteira em jornais de circulação nacional condenando a medida anunciada pelo governo.

‘A população vai compreender’, espera Temer

Segundo presidente, elevação de impostos foi necessária para garantir meta fiscal

Janaína Figueiredo

MENDOZA - Após desembarcar na província argentina de Mendoza, onde acontece a cúpula de chefes de Estado do Mercosul, o presidente Michel Temer assegurou que “a população vai compreender” o aumento das alíquotas do PIS/Cofins para gasolina, etanol e diesel. Ele defendeu enfaticamente a medida, que, segundo os ministérios do Planejamento e da Fazenda, resultará em arrecadação adicional de R\$ 10,4 bilhões. — Este é o fenômeno da responsabilidade fiscal, e esta responsabilidade fiscal é o que importou neste pequeno ato do PIS/Cofins. Em primeiro lugar, para manter a meta fiscal que estabelecemos. Em segundo, para assegurar o crescimento econômico que pouco a pouco tem vindo — declarou.

Perguntado sobre a reação da população, Temer foi enfático. — A população vai compreender, porque este é um governo que não mente, não dá dados falsos — afirmou. Ainda comentando a medida anunciada na quinta-feira, o presidente disse se tratar de um “pequeno aumento”: — Abandonamos logo no início a história da CPMF, que era algo que estava no horizonte, mas não levamos a efeito. Agora levamos a efeito um pequeno aumento que diz respeito apenas aos combustíveis.

REAÇÃO DA FIESP É 'NORMAL'

O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles — que chegou a dar uma cochilada durante discurso de Temer na cúpula —, disse que a reação da Fiesp ao aumento das alíquotas “é uma coisa normal”. — É uma coisa normal que as entidades empresariais façam uma reclamação, protestem contra qualquer aumento de imposto. É absolutamente normal, seria surpreendente se fosse o contrário. Por outro lado, nós vamos, como sempre, conversar com todos — frisou o ministro, em entrevista coletiva. Meirelles afirmou que é preciso que todos trabalhem juntos para resolver o problema, principalmente aprovando a reforma da Previdência:

— Existe uma série de coisas fundamentais e necessárias ao equilíbrio fiscal para que não sejam necessários aumentos de impostos posteriores. Sobre os acordos no âmbito do Mercosul, Temer defendeu a necessidade de “continuar o trabalho realizado pela Argentina” em sua presidência pro tempore do bloco. Ontem, o comando foi entregue ao Brasil, por seis meses. Um dos assuntos quentes da cúpula é a crise venezuelana. Temer não comentou a possibilidade de aplicar a Cláusula Democrática contra o país.

VEÍCULO: O Globo**Seção: Economia****Autor: Ana Paula Ribeiro****Título: Petróleo Afeta Petrobras**

Ontem, o barril do Brent fechou em queda de 2,60%, a US\$ 48,02. Com isso, as ações preferenciais (PN, sem direito a voto) da Petrobras tiveram desvalorização de 3,12%, a R\$ 12,69, enquanto as ordinárias (ON, com voto) perderam 2,49%, a R\$ 13,29. Os papéis da Vale também encerraram o pregão no negativo. Os PN recuaram 0,96%, e os ON, 0,76%.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Seção: Mercado****Autor: Nicola Pamplona e Lucas Vettorazzo****Título: Gasolina pode ter maior alta em 13 anos**

O repasse integral do aumento de impostos anunciado na quinta (20) pode levar a gasolina à maior alta nas bombas desde o início da série semanal de preços dos combustíveis da ANP (Agência Nacional do Petróleo), em 2004.

Nesta sexta (21), os postos começaram a receber combustíveis com novos preços. Levantamento feito pelo Sincopetro (Sindicato do Comércio Varejista de

Combustíveis e Lubrificantes de São Paulo) aponta que a gasolina veio R\$ 0,4075 mais cara, praticamente o mesmo valor anunciado pelo governo (R\$ 0,41).

Considerando o preço médio nacional verificado pela ANP na semana passada, com o repasse integral, a gasolina subirá de R\$ 3,485 para R\$ 3,895 por litro, alta de 11,7%.

"Não me lembro de outra ocasião em que subiu tanto. Com certeza, vai ter reflexos nas vendas, porque o consumidor não tem mais de onde tirar dinheiro", comentou o presidente do Sincopetro, José Alberto Paiva Gouveia.

A única vez em que a agência detectou alta maior nas bombas foi em novembro de 2002, quando a gasolina subiu 12,3%, ou R\$ 0,55 por litro em valores atualizados. Essa estatística, porém, considera a variação mensal dos preços.

O levantamento feito pelo Sincopetro detectou aumento de R\$ 0,2297 no diesel e de R\$ 0,2082 no etanol. A conta é resultado de comparação entre faturas emitidas nesta sexta com os preços de antes da mudança nos impostos.

Na quinta, o governo anunciou elevação das alíquotas de PIS/Cofins sobre os três combustíveis com o objetivo de arrecadar R\$ 10,4 bilhões e evitar aumento do deficit fiscal.

A elevação dos impostos interrompe uma trajetória de queda dos preços nos postos que dura desde o início do ano, resultado de reduções promovidas pela Petrobras para tentar conter importações por empresas privadas.

Se o custo adicional chegar integralmente às bombas, a gasolina terá o preço mais alto desde março de 2016, quando custava R\$ 3,909, em valores atualizados, segundo cálculo feito pelo CBIE (Centro Brasileiro de Infraestrutura).

Para especialistas, os preços da refinaria devem ser mantidos em baixa, pois não há perspectivas de alta do petróleo e a Petrobras continua sofrendo concorrência.

PREÇO NA BOMBA

Levantamento feito pelo "Agora" em dez postos da capital paulista nesta sexta apontou que a mediana dos reajustes da gasolina foi de R\$ 0,30, abaixo, portanto, do aumento de R\$ 0,41 dos tributos. O preço máximo encontrado foi R\$ 4,19. A mediana da alta do diesel e do álcool foi de R\$ 0,20.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Seção: Espaço aberto****Autor: Bob Dinneen e Joel Velasco****Título: Não à volta do protecionismo ao etanol**

Nos anos 1980 e 1990, o Brasil e os Estados Unidos travaram dura disputa sobre o comércio de etanol – combustível renovável proveniente de cana-de-açúcar no Brasil e de milho nos Estados Unidos. Como defensores de nossas respectivas indústrias, tivemos inúmeras discussões sobre o tema.

Brasileiros argumentavam que a tarifa de importação nos Estados Unidos protegia indevidamente os produtores de etanol americanos. Estes reclamavam dos juros subsidiados e de isenção tributária da produção brasileira. Trocamos farpas em audiência no Congresso americano, na imprensa e em vários fóruns internacionais sobre biocombustíveis e comércio.

Há cerca de uma década, os dois países puseram suas diferenças de lado e chegaram a um acordo para permitir o livre-comércio de etanol. O Brasil suspendeu sua tarifa de 20% por meio da lista de exceções do Mercosul e os Estados Unidos abandonaram seus incentivos fiscais e tarifas de importação.

Somos, ambos, a presença dominante no setor, com mais de 80% da produção global. Sabemos das dificuldades para mudar mentalidades protecionistas arraigadas e para a abertura ao mercado global de biocombustíveis. Mas os benefícios da liberalização estão claros. O Brasil tem ajudado os Estados Unidos a alcançarem metas nacionais e estaduais de biocombustíveis com a oferta de etanol de cana-de-açúcar, combustível considerado avançado, com baixa emissão de carbono. E os Estados Unidos têm sido parceiros confiáveis na oferta de etanol ao mercado brasileiro. Quando há aumento na demanda ou queda na produção no Brasil, o produto americano traz estabilidade ao mercado. Essa dinâmica comprova que um mercado internacional competitivo traz aos consumidores mais opções, melhores preços e menos volatilidade nesse setor.

Não surpreende, assim, que as indústrias brasileira e americana de etanol venham trabalhando juntas para abrir novos mercados e fomentar maior cooperação para benefício dos consumidores dos dois países, hoje, e de todo o mundo no futuro próximo. Nossos países têm cooperado no desenvolvimento de tecnologias e de mercados, investindo milhões de dólares em projetos como etanol de celulose para carros, bioquerosene para aviões e uma enorme gama de produtos renováveis, a partir do açúcar. A associação internacional de advocacia pró-biocombustíveis, a Global Renewable Funds Association (GRFA), foi formada para promover a educação em relação aos biocombustíveis e abrir novos mercados para os nossos produtos.

Missões internacionais dos Estados Unidos e do Brasil têm beneficiado mercados emergentes, como China, Índia e México. A demanda em outros países tem crescido à medida que os benefícios econômicos e climáticos do etanol se tornam evidentes. Há algumas semanas, por exemplo, conseguimos a aprovação de mistura de 10% de etanol na gasolina no México, expandindo um mercado crescente. Na COP-21, em Paris, as indústrias do etanol de vários países uniram forças para exaltar os benefícios do biocombustível em termos de emissões de gás carbônico. Independentemente da posição deste ou daquele país acerca do Acordo de Paris sobre Clima, acreditamos que, seja o etanol brasileiro ou americano, os benefícios do biocombustível renovável são ingrediente importante para nações interessadas em reduzir o seu consumo de petróleo e outros combustíveis fósseis.

Diante do progresso alcançado, perguntamos, perplexos: por que o governo brasileiro contempla agora uma volta às políticas protecionistas do passado, propondo, via Câmara de Comércio Exterior (Camex), uma tarifa na importação do etanol?

As razões para rejeitar tal proposta são as mesmas de uma década atrás. O aumento da tarifa de importação de etanol no Brasil terá apenas perdedores. Os consumidores pagarão mais ao abastecer os seus carros. Os produtores em ambos os países perderão com a adoção de medidas retaliatórias, num momento delicado de recuo de acordos internacionais de comércio. E emissões de carbono aumentarão, pois o protecionismo no etanol levará a um forte aumento do consumo de gasolina.

É verdade que a exportação de etanol americano para o Brasil cresceu nos últimos dois anos. Além dos abalos impostos ao setor sucroenergético brasileiro pela crise econômica que o País atravessa, a demanda internacional de açúcar tem levado usinas brasileiras a dar prioridade à produção de açúcar. O fato de a produção americana suprir essa necessidade pontual é boa notícia para o consumidor brasileiro e não deveria ser pretexto para restaurar políticas protecionistas ultrapassadas. Quando os Estados Unidos e outros mercados se beneficiaram de grandes importações de etanol brasileiro, não houve reclamação no Brasil.

O argumento segundo o qual o protecionismo é necessário para proteger o meio ambiente, dada a diferença de emissão de carbono entre o etanol de milho e o de cana-de-açúcar, não faz sentido. Qualquer biocombustível é melhor do que o petróleo, que não é regulado nem paga tarifa. Hoje, especialmente, quando temos questionamentos sobre políticas de combate às mudanças climáticas, via Acordo de Paris, não devemos criar divergências em busca de ganhos de curto prazo.

Como concorrentes que ganharam o respeito mútuo depois de anos de disputas, conclamamos os líderes brasileiros a dizer não ao protecionismo. Nossos países já trabalharam muito para transformar o etanol numa importante commodity global. Os consumidores ganham quando as indústrias competem umas com as outras. Continuemos o trabalho iniciado de construir um mercado mundial aberto e crescente para o biocombustível.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Opinião

Autor: Suely Caldas

Título: Destravando o petróleo

O otimismo do diretor-geral da Agência Nacional do Petróleo (ANP), Décio Oddone, contrasta com o pessimismo do diretor executivo da Agência Internacional de Energia (AIE), Fatih Birol. Em novo relatório da AIE, Birol afirma que “os próximos seis meses serão muito difíceis” para o setor de petróleo. “Será como dirigir na tempestade”, comparou, avaliando que o crescimento neste ano de 53% dos investimentos em gás de xisto nos EUA gera dúvidas sobre a eficácia do corte de oferta feito pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), para barrar a queda dos preços do óleo no mundo. Em conversa com a coluna, Oddone elegeu 2017 como o ano que marca “a maior mudança da história do petróleo brasileiro desde 1954” – quando Getúlio Vargas criou a Petrobrás e a ela entregou o monopólio.

É certo que Birol fala de preços praticados no presente e nos meses próximos – pior para a indústria mundial, que vende para entrega imediata, mas também para quem investe. Já Oddone enxerga o futuro dos investimentos em exploração e produção, que vão ocorrer aqui entre 2017 e 2019 e que só começarão a enfrentar os preços de venda a partir de 2020. Um fala do presente; outro, do futuro; mas ambos do mesmo personagem – a indústria, que precisa acumular capital no presente para investir no Brasil também no presente. A favor do entusiasmo de Oddone estão a queda no custo de produção, a rentabilidade e a qualidade do petróleo do pré-sal que o Brasil ofertará em nove rodadas programadas até 2019, duas delas marcadas para 27 de outubro deste ano.

Em recente congresso em Istambul, o presidente da gigante francesa Total, Patrick Pouyanne, chegou a dizer para os investidores do mundo inteiro que “os campos em águas profundas no Brasil podem ser tão lucrativos quanto o gás de xisto”, incentivando os duvidosos a escolherem o nosso país. Porém, ao marcar 2017 como o ano histórico de mudança desde 1954, o diretor da ANP desconsidera o boom de novos negócios no Brasil a partir de 1997, com o fim do monopólio da Petrobrás. Na época, dezenas de empresas desembarcaram aqui, gerando bilhões de reais em investimentos e milhares de empregos.

A El Paso, do Texas, a maior dos EUA, comprou um prédio inteiro de 12 andares no Rio de Janeiro. Foi quando a produção de petróleo e gás começou a disparar de 900 mil barris/dia, em 1997, para 2,5 milhões na média neste ano. Foi tudo por água abaixo, empresas saindo do País, perdas incalculáveis de empregos e nenhum investimento em exploração nos arrastados cinco anos, entre 2008 e 2013, que a ex-presidente Dilma levou para conceber a desastrosa regulação da exploração do petróleo do pré-sal, que afastou investidores, não gerou riqueza nem empregos e ainda ajudou a mergulhar a Petrobrás na maior crise financeira e de endividamento de sua história. Mas o otimismo de Décio Oddone procede.

A lei destrambelhada de Dilma mudou, a Petrobrás não é mais obrigada a investir no mínimo 30% em cada poço e foram atenuadas as exigências de contratação de fornecedores no Brasil. Com isso começam a retornar investidores que saíram, nove licitações de áreas estão marcadas até 2019 e Oddone aposta em bem-sucedida disputa de consórcios nos dois leilões que vão ocorrer em outubro. “Estou há dois meses na estrada, percorri sete países, reuni-me com os mais importantes investidores e só vi entusiasmo e otimismo com o Brasil”, diz. Ele conta que estava em Londres quando foi divulgada a gravação da JBS contra o presidente Temer. No dia seguintealaria para uma plateia cheia de empresários.

“Me preparei para o pior, mas nenhuma pergunta sobre a crise política. São investidores globais, tanto faz estar na Nigéria ou no Brasil”, argumenta. Neto de um diretor-fundador da Petrobrás e por 25 anos funcionário da estatal, a obsessão de Oddone é trazer para o Brasil US\$ 80 bilhões de investimentos com as nove rodadas programadas até 2019. Ele diz não temer demissão com o troca-troca de governos, porque seu mandato vai até janeiro de 2021 e garante que nesses cinco meses à frente da ANP não enfrentou nenhuma interferência política. “Se erro houver nos leilões, a responsabilidade é da ANP”, afirma.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Economia

Autor: Adriana Fernandes

Título: Mudança de meta e mais impostos

O governo mais que dobrou a tributação dos combustíveis e fez um corte de R\$ 5,9 bilhões nas despesas do Orçamento. Essas duas medidas impopulares, porém, não são suficientes para resolver o problema das contas públicas deste ano. A mudança da meta fiscal é o final certo desse enredo que tem se repetido todos os anos no Brasil. Muita gente importante envolvida na administração diária da gestão do caixa do governo já sabe desse desfecho. É só aguardar os próximos meses para a discussão de mudança da meta entrar na pauta do Congresso. Não se trata aqui de falar em “arautos do desastre e do catastrofismo”, como reclamou o presidente Michel Temer, em discurso no Palácio do Planalto, no

mesmo dia que assinava decreto mais que dobrando a tributação dos combustíveis.

São vozes de quem conhece os números do Orçamento por dentro e está vendo os problemas se acumularem. É curioso observar que a crítica de Temer de agora é a mesma que foi usada pela presidente Dilma Rousseff ao falar das contas públicas pouco antes do seu impeachment. Se ainda estiver no cargo até o final do ano, Temer vai acabar pedindo a mudança da meta para impedir o colapso da máquina estatal no quarto trimestre. Se for afastado, seu sucessor pedirá ao Congresso a alteração, assim como fez Michel Temer depois que sentou na cadeira de Dilma. Em entrevista ao Estadão/Broadcast, o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, primeiro na linha sucessória de Temer no caso do afastamento, chamou atenção para o fato de que a meta fixada pelo governo para este ano tinha sido “ousada” demais.

O recado já foi dado por Maia, que de alguma forma antecipa o problema e começa o terreno para a mudança da meta. Dyogo Oliveira, ministro do Planejamento, não descartou essa possibilidade ao apresentar as previsões mais recentes do Orçamento. Era de se esperar que com a alta pesada de tributos esse risco estivesse afastado. Mas não está. A cautela do ministro em negar a alteração é termômetro a ser acompanhado. O governo depende de Maia para conseguir barrar propostas que minam ainda mais a capacidade de garantir o aumento das receitas. Vide o programa de parcelamento de débitos tributários (Refis), que foi totalmente desfigurado pela segunda vez, e a medida de reoneração da folha de pagamentos que vai ficar para 2018.

Isso na melhor das hipóteses, porque o risco mesmo é de que deputados incluam outros setores na lista das empresas que escaparam da medida. Novas surpresas negativas no campo das receitas estão a caminho tamanha é a fragilidade da estratégia fiscal baseada em muitas receitas extraordinárias que têm tudo para não acontecerem. A previsão de arrecadação registrou uma frustração de R\$ 34,5 bilhões em apenas dois meses. Um verdadeiro desastre. É de se estranhar que há duas semanas o governo estivesse pronto para liberar R\$ 4 bilhões do Orçamento. O que mudou de lá para cá para o governo dar essa guinada de 180 graus e agora cortar quase R\$ 6 bilhões?

O alerta do Tribunal de Contas da União (TCU) emitido para a equipe econômica de que há risco de não cumprimento da meta e cobrando responsabilidades. Com o tribunal de contas mais forte depois das pedaladas fiscais que ajudaram a derrubar Dilma Rousseff, as autoridades não quiseram correr o risco de liberar recursos com base em revisões de receitas sem respaldo técnico. Ninguém quis botar a sua assinatura no papel. Foi essa preocupação que alimentou a tensão dos últimos dias até o anúncio da elevação do PIS e Cofins para gasolina, diesel e

etanol. A mudança de cenário em poucos dias é o retrato mais fiel de como está frágil o quadro fiscal do País.

Ele segue uma sequência lógica: o governo fixa uma meta fiscal fora da realidade, que serve de base para um Orçamento também irrealista. Depois, tudo isso é revisto no final do ano com a mudança da meta. E quando a ficha cai de fato. Essa sequência acontece há anos e não foi quebrada por esse governo, como se imaginava até aqui. Como já era de se esperar a população reagiu muito mal à alta dos combustíveis. Mas o aperto tributário não vai parar por aí. O ano de 2018 nem começou e já há um buraco de R\$ 50 bilhões nas previsões a ser coberto para a meta ser cumprida. É preciso dar um basta nesse ciclo perverso de ficar correndo atrás de meta fiscal para depois mudá-la.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Economia

Autor: Anna Carolina Papp e Renata Okumura

Título: Gasolina sobe até 14,4% para o consumidor

Aumento é mais expressivo para quem compra a gasolina mais barata, segundo ANP.

A gasolina poderá ficar até 14,6% mais cara com o aumento da alíquota do PIS/Cofins para os combustíveis. Com a medida, adotada pelo governo na tentativa de conter o rombo das contas de 2017, o litro da gasolina pode encarecer até R\$ 0,41 nas bombas, caso haja repasse integral para o consumidor. Com base na última edição do Sistema de Levantamento de Preços da Agência Nacional do Petróleo (ANP), divulgada ontem, o preço médio do litro da gasolina no País nesta semana estava em R\$ 3,464. Para abastecer um tanque de 50 litros, o motorista teria de desembolsar R\$ 173,20. Com o aumento do imposto, considerando repasse integral da alíquota, encher o mesmo tanque agora irá custar R\$ 193,70 – uma alta de 11,8%. O aumento é ainda mais expressivo para quem consome a gasolina mais barata, na faixa de R\$ 2,849 por litro, segundo a ANP. O consumidor, para encher um tanque de 50 litros, terá de gastar R\$ 20,,40 a mais, o que representa uma alta de 14,4% no bolso. Já para quem paga a gasolina mais cara, de R\$ 4,700 o litro, o aumento com a nova alíquota do PIS/Cofins será de 8,7%.

Nesse caso, o motorista desembolsará R\$ 255,50. A reportagem do Estado percorreu postos de todas as regiões da capital paulista na manhã desta sexta-feira e constatou, no preço da gasolina, aumento de R\$ 0,30 a R\$ 0,40. Motoristas que abasteciam o carro classificaram o aumento como abusivo. “É um absurdo. No lugar de ajudar, apenas atrapalha”, disse o coordenador de operações Érick Lopes. Em Brasília, os consumidores encontraram postos de combustíveis que

aumentaram a gasolina em quase R\$ 1, mesmo o governo tendo informado que o impacto máximo nas bombas seria de R\$ 0,41. Por outro lado, motoristas enfrentaram filas quilométricas para aproveitar para abastecer o tanque em postos que continuaram cobrando o litro abaixo de R\$ 3 por se tratar de estoque de combustível sem o reajuste da refinaria.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Seção: Economia

Autor: Simone Kafruni

Título: Postos abusam e gasolina sobe até R\$ 1

O preço da gasolina disparou da noite para o dia após o aumento de PIS-Cofins sobre combustíveis anunciado pelo governo na quinta-feira. Quem ainda comemorava as sucessivas quedas promovidas pela Petrobras nos últimos meses teve que administrar o susto ao ver o valor do litro saltar quase R\$ 1 nos postos de abastecimento.

Por conta disso, os estabelecimentos do Distrito Federal amanheceram com um movimento acima do comum. A corrida dos motoristas era para abastecer ainda com preços sem o reajuste. Muitos postos repassaram para o consumidor o aumento mesmo antes da chegada de novo carregamento. A gasolina foi revendida, na capital federal, com acréscimo de até R\$ 0,98, mais do que o dobro do total do repasse previsto na bomba, de R\$ 0,41, anunciado pelo governo. Em alguns casos, o litro disparou para R\$ 3,92.

As filas de veículos para abastecer chegaram a cerca de um quilômetro nos postos onde os preços da gasolina ainda estavam próximos dos R\$ 3. Por volta do meio-dia, os carros ocupavam parte de uma pista do Eixo W, próxima à Quadra 110 Norte, onde fica o posto Ipiranga, atrapalhando o fluxo de trânsito. A gasolina estava sendo vendida a R\$ 2,949, mesmo preço registrado no dia anterior. A preocupação do gerente Danilo Gabriel Silva era com a chegada de um novo carregamento, de 35 mil litros. Segundo ele, não havia previsão de reajuste, na bomba, do preço praticado pelo posto, que funciona durante 24 horas. “Ainda não recebi qualquer orientação para aumentar o preço”, enfatizou.

Moradora da Quadra 705 Norte, a administradora Tânia Rivera não teve dúvidas em correr para o posto de combustível, no fim do Eixinho Norte, assim que ouviu as primeiras notícias sobre um possível reajuste em todo o país. Acostumada a abastecer o carro a cada 15 dias, quebrou a rotina para aproveitar a gasolina a R\$ 2,95. A espera para completar o tanque superou os 30 minutos, tempo que Tânia enfrentou com resignação porque poderia pagar a gasolina com cartão de crédito, facilidade que nem todos os postos oferecem, sobretudo, quando o preço do combustível está mais em conta. “Aqui dá para abastecer e parcelar o

pagamento em até seis vezes, sem juros. É um diferencial que ajuda os consumidores”, explicou.

Cássia Ivone dos Santos ficou 40 minutos na fila para abastecer o veículo em um posto da Asa Norte. Moradora de Sobradinho, a jovem trabalha no Plano Piloto, mas nem sabe o quanto desembolsa mensalmente para abastecer o carro. Ela explicou que vai colocando gasolina aos poucos — “pingado” —, de acordo com os trocados. Ontem, Cássia saiu de casa cedo, com o propósito de completar o tanque, por causa das notícias sobre o aumento do preço dos combustíveis. “Nunca tenho dinheiro para encher o tanque porque a gasolina já é bem cara. Mas acho que vai ficar pior. Infelizmente, podemos esperar que o preço vai ficar bem alto”, disse.

Contrariando as evidências de que a conta dos combustíveis vai começar a pesar no bolso do brasileiro, o servidor público Cícero Rodrigues acredita que o aumento de impostos do governo pode acirrar ainda mais a disputa entre os estabelecimentos de combustíveis do DF, favorecendo, assim, o consumidor da capital. “Não acredito que o preço vai aumentar muito. Acho que vai haver mais concorrência entre os postos e os preços vão ficar nesse patamar mesmo”, disse.

Efeito

O efeito do PIS e da Cofins nos combustíveis foi um aumento de R\$ 0,38 para R\$ 0,79 por litro. Com mais R\$ 0,10 por litro relativo à Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide), que incide sobre a gasolina, o reajuste, na bomba, chega a R\$ 0,89 por litro. Ainda há comerciantes que aproveitam para lucrar mais. O Sindicato do Comércio Varejista de Combustíveis e de Lubrificantes do Distrito Federal (Sindicombustíveis/DF), no entanto, não se manifesta sobre reajuste no preço da gasolina ou sobre repasses para o consumidor de aumento de impostos relativos a combustíveis.

O impacto chegou às bombas de todo o país. Em São Paulo, o aumento médio no preço da gasolina ficou entre R\$ 0,30 e R\$ 0,40. Naquele estado, cercado por usinas de cana-de-açúcar, pode valer a pena trocar a gasolina pelo etanol. Mas o consumidor precisa ficar atento: como o carro consome cerca de 30% mais etanol do que gasolina, o valor do biocombustível tem que ser 70% do preço do combustível derivado de petróleo para compensar. No Distrito Federal, é difícil encontrar algum estabelecimento onde valha a pena abastecer com etanol.

Além do impacto no bolso dos motoristas, o reajuste dos combustíveis vai chegar a outros produtos por conta da elevação do custo do frete, já que o transporte de mercadorias é, predominantemente, rodoviário no país. O reflexo será o aumento da inflação.

Meme nas redes

O aumento no preço do combustível gerou polêmica nas redes sociais ontem. Internautas de todo o país criticaram a medida, publicada na última quinta-feira. Além das críticas aos novos valores, o assunto foi tratado com humor no Twitter, com vários memes e piadas. “Quatro reais o litro da gasolina. Tá mais barato contratar alguém para empurrar o carro”, tuitou um usuário. “Com 3,95 a gasolina, 5,00 a passagem de ônibus. Eu acho que vou começar a fazer igual Moisés e começar a me locomover em Brasília marchando”, publicou outro.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Seção: Economia

Autor:

Título: Reflexo na cadeia de abastecimento

A Associação Brasileira de Supermercados (Abras) criticou ontem a decisão do governo de aumentar impostos cobrados na comercialização de combustíveis para melhorar a arrecadação e reduzir o rombo das contas públicas. Em nota assinada pelo presidente, João Sanzovo Neto, a Abras diz que o reajuste nos preços dos combustíveis terá reflexo em toda a cadeia de abastecimento e representa mais um obstáculo a quem quer “empreender e crescer”.

Na quinta-feira, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) voltou a expor o pato amarelo inflável, um dos principais símbolos de manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff (PT), em sua sede em São Paulo, na Avenida Paulista. O presidente da entidade, Paulo Skaf, se disse “indignado” e avaliou que a elevação de tributos deve agravar a crise num momento em que a economia dá sinais de recuperação.

O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, afirmou, na Argentina, onde participa da Cúpula do Mercosul, que é natural que as entidades da indústria se manifestem contra o aumento de impostos e que, para o governo, o ajuste fiscal é definitivo e, por isso, ainda será preciso que o Congresso aprove medidas fundamentais, como a reforma da Previdência, assim que as condições “estiverem maduras”.

A Fecombustíveis, que representa aproximadamente 40 mil postos revendedores de combustíveis de todo o país, diz que o setor não tem condições de absorver e deve repassar integralmente ao consumidor o aumento das alíquotas de PIS-Cofins cobradas na venda de gasolina, diesel e etanol.

Margem

“A margem de lucro na comercialização de combustíveis vem caindo. Hoje, está em torno de 12%. Não temos gordura para absorver parte do aumento de imposto”, comenta o presidente da entidade, Paulo Miranda Soares. “Recebemos o anúncio com pessimismo. Achávamos que sairíamos da recessão e, de repente, nossa carga, que já era alta, em torno de 40%, a depender do estado, sobe ainda mais”, acrescentou.

Soares, que tem uma rede de postos no Rio de Janeiro, afirmou que distribuidoras de combustíveis no estado já estavam praticando os novos preços. Segundo ele, o reajuste nas bombas tem impacto sobre o consumo porque, ainda que muitas vezes o uso de carro seja inevitável, os motoristas acabam buscando reduzir o quanto podem o número de viagens para fugir dos preços mais altos do combustível.

“A expectativa era de que o setor de revenda de combustível crescesse entre 1% e 2% neste ano, mas, pelo que estamos vendo, ficou mais difícil. Aumentos de combustíveis atingem rapidamente o consumo. Percebemos isso na hora”, afirmou o presidente da Fecombustíveis.

MME / ASCOM